



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO CEDUC
CURSO DE FILOSOFIA

LARISSA ERIKA BARBOSA DA SILVA

O CONFLITO COMO PRODUTO DA NATUREZA HUMANA
EM NICOLAU MAQUIAVEL

CAMPINA GRANDE

2017

LARISSA ERIKA BARBOSA DA SILVA

**O CONFLITO COMO PRODUTO DA NATUREZA HUMANA
EM NICOLAU MAQUIAVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar
Filho.

CAMPINA GRANDE

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Larissa Erika Barbosa da.

O conflito como produto da natureza humana em Nicolau Maquiavel [manuscrito] : / Larissa Erika Barbosa da Silva. - 2017.

20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho , Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Conflito. 2. Natureza Humana. 3. Teoria política.

21. ed. CDD 320

LARISSA ERIKA BARBOSA DA SILVA

O CONFLITO COMO PRODUTO DA NATUREZA HUMANA EM NICOLAU
MAQUIAVEL

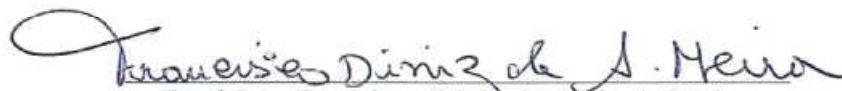
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Filosofia na Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em
Filosofia.

Aprovada em: 14/12/2017.

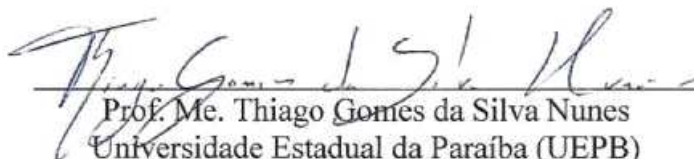
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Thiago Gomes da Silva Nunes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A minha mãe espiritual Nossa Senhora de Guadalupe, por sua intercessão, proteção e cuidado durante toda minha vida.

Ao meu coordenador ministerial Carlos Wagner, a minha afilhada Dalila Oliveira, por todo afeto e compreensão nesses últimos meses.

A minha avó Maria do Carmo Bezerra Guimarães (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, seu exemplo de garra e força, sempre será um espelho para mim.

Aos meus Pais, Valdecy Barbosa dos Santos e Luciene Ataíde da Silva por sempre acreditarem e apoiarem os meus estudos.

A Camila Ferreira, por sua amizade e apoio no desenvolver deste trabalho.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e contribuição em especial Maria Bezerra e Thays Diniz, ao longo desses quatro anos.

Para bem conhecer o caráter do povo é preciso ser príncipe, para bem entender o do príncipe é preciso ser povo. Nicolau Maquiavel

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
1.1 Contexto histórico.....	07
2. A NATUREZA HUMANA.....	09
2.1 O conflito.....	11
3. A REALIDADE POLÍTICA E O BOM POLÍTICO.....	12
4. CONCLUSÃO.....	17
Referências.....	20

O CONFLITO COMO PRODUTO DA NATUREZA HUMANA EM NICOLAU MAQUIAVEL

Larissa Erika Barbosa da Silva*

RESUMO

Partindo da escrita de *O Príncipe*, o propósito deste trabalho baseia-se em expor o conceito de conflito, dado no ambiente político e no fazer do homem público, levando em conta a natureza humana e a realidade de como funciona a política, segundo o pensamento de Nicolau Maquiavel. Como pensador político da era cristã, sua abordagem realista apresenta como seria um bom governo, diante dos fatos da História que observou e analisou, como também dos que vivenciou enquanto no seu cargo público. O comportamento do homem que ocupa o poder é, por vezes, amoral, cruel, astuto, mentiroso, mal intencionado. O político fará o que for preciso, seja o bem ou o mal, para tornar-se cada vez mais poderoso. Essa é a maneira de todo ser humano agir, considerando que, para Maquiavel, a inclinação do homem é má, do seu coração brotam cóleras, invejas, raciocínios violentos, ódio e mentiras. Dessa natureza humana, surgem às necessidades geradoras de conflitos, e o bom político, sabe como usar essas necessidades para se promover cada vez mais. É levantado um questionamento a respeito de como deve agir um bom político e do que significa ser bom nesse âmbito, se aquilo que satisfaz o desejo do povo, ou o que trará para si glória e prestígio, e que conservará seu posto de autoridade. É somente por fundamentar uma análise no contexto histórico e social, que se pode discutir concretamente a política. Mas, não há discussão sem que nisso seja incluída a natureza humana, que, no tempo em que a escrita d'*O Príncipe* ocorreu, passou a ter grande peso, pois o homem observava e era objeto de observação. Assim, como resultado, constata-se que a motivação, quer do príncipe, quer do povo, remonta aos seus desejos e necessidades, sempre advindas de uma natureza egoísta.

Palavras-chave: Conflito. Natureza humana. Maquiavel.

* Aluna de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: eularissaerika@gmail.com

1. Introdução

A explanação a respeito do conflito sob a perspectiva de Nicolau Maquiavel procura mostrar que, as relações entre governante e governados, surgidas mediante os desejos e as necessidades individuais, brotam de uma natureza humana má, que não raro, leva em conta seus próprios interesses. A ideia central busca entender e explicitar como este cenário de egoísmo, natural ao homem, propicia e revela a ambiguidade do fazer de um bom político, quando ele usa meios que, do ponto de vista da moral e dos bons costumes são ruins, mas que atinge um objetivo esperado e, por isso, positivo. Maquiavel parece sincero e verdadeiro ao escrever sobre a realidade política e em mostrar no conflito, mais uma oportunidade para o príncipe preservar o seu poder. Assim, sem a pretensão de querer esgotar o debate que circunda esse rico tema, o propósito aqui é lançar luz sob esse olhar tão único, acerca do conflito que a natureza do ser humano estabelece, entre o povo e seu governante.

1.1 Contexto histórico

Nicolau Maquiavel foi um consultor político, burocrata, que trabalhou para o Estado como funcionário público. Quando ele escreveu *O Príncipe*, sua intenção não era escrever um tratado sobre filosofia política, mas reconquistar o seu cargo político, antes perdido por ser exilado sob a acusação de conspiração contra o Governo. Foi justamente nesse período de isolamento, que Maquiavel escreveu *O Príncipe*, deixando em pausa *Comentários da Primeira Década de Tito Lívio*.

O Príncipe, nada mais seria do que uma carta de instrução para tornar-se um bom príncipe e tinha o objetivo de reaproximar Maquiavel do poder conferido por um cargo público. Assim, com aqueles ensinamentos minuciosos sobre ser um bom político, recomendava a si mesmo naquelas páginas, mostrando o seu grau de experiência e leitura. A maior característica do autor é deixar clara a inclinação humana como sendo má por natureza, sempre mostrando os pontos positivos disso para um principado de sucesso, fazendo um paralelo entre o que realmente era praticado e o que a moral e os bons costumes diziam que devia praticar.

O desenrolar do enredo acontece na Itália, no ano 1500 em Florença. Nessa época, entre o final da Idade Média e o início do Renascimento, a Itália estava completamente dividida em pequenos principados, o que a tornava militar e politicamente fraca em relação a outros países como Espanha, Inglaterra e França, que eram nações unificadas. Podemos compreender as divisões com base em Cristina Costa:

Para eles (historiadores pessimistas), é impossível não reconhecer como características marcantes do renascimento a falta de unidade política e religiosa, os conflitos entre as nações que se formavam, as guerras intermináveis e as perseguições religiosas, desenvolvidas no esforço de conservação de um mundo que agonizava (COSTA, 2005, p. 29).

Em função disso, havia uma abundância de pensamentos idealistas, tornando esse cenário, palco de intensas lutas pelo poder. A autoridade política da Igreja Católica é questionada, declina, e a ideia de separação entre ela e o Estado surge. No século XVI, o príncipe é aquele que deseja enfrentar o poder da Igreja e manter a união do povo, que anseia ser o unificador do mundo italiano, que sustenta no povo o olhar voltado para si como governante. O fito de unificação condiz com as aspirações do próprio escritor, e segundo ele, muito era válido para conquistar os objetivos. Maquiavel pregava a libertação da tutela da religião para o caso dos Príncipes e dos aspirantes a Príncipe. Essa ideia de separação entre Estado e Igreja era concebida sem questionar os dogmas da Igreja, mas por pensar a política de maneira independente deles, ou seja, defendia a religião como um instrumento a favor do príncipe, no intuito de controlar o povo, e passar uma aparência, publicamente, de que praticava valores morais e éticos. Tudo isso fica claro nas palavras de Monteiro:

Florença era na época, o palco de um conflito entre duas tendências: de um lado, a exaltação pagã do indivíduo, da vida e da glória histórica, representada por Lorenzo de Médici e seu irmão Juliano; de outro a contemplação cristã do mundo, representada por religiosos como Girolamo Savonarola, voltada para o além, em reação ao ressurgimento da primeira tendência nos mais variados aspectos da vida como na arte, e até na igreja. (MONTEIRO, 2012, p. 13-14).

A Itália do então século XVI era geograficamente expressa por um conjunto de cidades e estados independentes, muitos dos quais, autônomos. Para Maquiavel, essa é uma época que os bons, ou seja, aqueles governantes que manipulavam a moral e a ética, usando-as onde e quando fosse útil, eram tidos como loucos pelo povo. Isso porque o povo tinha em vista a política estabelecida naquela época em Florença, lugar que passou por diversas e conflituosas mudanças das leis, tudo no mesmo século. Uma terra golpeada por estrategistas, mercenários e conspiradores do governo Médici, obrigava o príncipe que quisesse sobreviver politicamente, a ser mais astuto e esperto que seus inimigos, para atuar no momento oportuno.

A obra *O Príncipe* conta que um bom príncipe tem seu pensamento voltado unicamente aos seus objetivos, para fazer com que o seu governo aconteça e o estado funcione dentro de suas rédeas. Sua função é derrotar seus adversários para manutenção do Estado, lutando contra os outros principados na tentativa de unificá-los, transformando-os no estado-nação que mais tarde, veio a se chamar Itália.

O conflito nada mais será, dentro dessa relação entre o príncipe e o povo, do que o choque de desejos que nascem de uma natureza ruim que o ser humano tem, e que geram necessidades. Tais carecimentos e demandas, impostas pelas vontades egoístas, são geradoras de exigências, que, vindas do príncipe, são sempre relacionadas ao poder, quando do povo, são concernentes a variadas reivindicações que visam à satisfação coletiva. Maquiavel descreve bem esses desejos egoístas, e como cada qual os busca satisfazer:

Os homens são vistos fazendo coisas que os conduzem ao fim que cada um tem por objetivo, isto é, glórias e riquezas, e chegam lá de diversas formas: um com cautela, o outro com ímpeto; um com violência, o outro com habilidade; um com paciência, e o outro com seu oposto; e cada um consegue chegar ao seu objetivo por essas diversas maneiras. (MAQUIAVEL, 2011, p. 194).

Em função disso, podemos afirmar que a leitura d'*O Príncipe* é fundamental para compreender como se desdobra a ação política dentro da conflituosa e dúbia natureza humana, as duas faces do poder, sua ambiguidade moral, revelada em toda a ação do governo do Estado, nos motivos que levam um político a agir de uma determinada maneira e não de outra.

2. A natureza humana

O príncipe mostra uma visão sobre o homem e a política que geralmente não está nos livros, tampouco é um saber transmitido na escola, visto que, normalmente, aprendemos que o Estado soluciona os problemas do povo, que o Governo existe para promover o bem comum, para proteger os fracos e oprimidos e melhorar a qualidade de vida do seu povo. Porém, essa visão da política é muito ingênua, uma vez que, a natureza humana é mais complexa do que imaginamos. Assim, *O Príncipe* encanta ou desencanta de vez, pois retira de diante dos olhos a visão utópica sobre o politicamente correto. Muitos chamariam Maquiavel de pessimista, outros de realista, mas como ele pode ser melhor compreendido? Será que existe uma forma correta para um bom político agir?

Maquiavel fala sem enfeites, cenários ou fantasias e explica, mediante sua análise, como a política funcionava, descrevendo a realidade do que, de fato, acontecia e do que ele havia anteriormente vivido enquanto no seu então perdido cargo público. Tal experiência o permitiu perceber aquilo que dava certo e que dava errado no âmbito político, levando em consideração sua perspectiva da natureza humana e as características que ele atribuía a essa natureza.

Para se conseguir êxito nos assuntos públicos, era preciso compreender a conduta humana. No entanto, fazia-se necessário ir além de um simples compreender, afinal, quando Maquiavel fala sobre a essência do homem, faz mais do que lançar uma mera opinião, pois é com bases históricas que ele observa o comportamento dos indivíduos. Coadunam-se com essa reflexão, suas palavras:

Aquele que estudar cuidadosamente o passado pode prever os acontecimentos que se produzirão em cada Estado e utilizar e utilizar os mesmos meios empregados pelos antigos. Ou então, se não há mais os remédios que já foram empregados, imaginar outros novos, segundo a semelhança dos acontecimentos (MAQUIAVEL. Discursos, 2008, livro I, cap. XXXIX).

O que ele faz em *O Príncipe* é nada mais do que expor sua constatação sobre a natureza humana como sendo má, defendendo que quando é necessário, um príncipe desprezita e abandona a bondade e pratica a maldade.

Coexistente a essa compreensão, o cristianismo, onde o homem, feito a imagem e semelhança de Deus, que é o Sumo Bem, herdou o bem do seu Criador, mas se corrompeu através da sua concupiscência. Por cobiçar e comer o fruto proibido trouxe sobre si a natureza pecaminosa, fazendo brotar do seu mais íntimo, as más intenções, os desregramentos, a vaidade, as astúcias, perversidades e homicídios. De modo que excomungou a si mesmo da sua ligação com o Bem Maior, colocando-se numa condição de escuridão, e por sua própria culpa essa parte má, que agora é intrínseca ao homem, o impede de ser inteiramente bom.

Não obstante, três aspectos compõem aquilo que Maquiavel chama de natureza humana: ambição, egoísmo e interesse. Vejamos:

Isso deve ser dito em geral sobre os homens, que são ingratos, volúveis, falsos, covardes, avarentos e, enquanto estão ganhando, eles estão com você, lhe oferecem o próprio sangue, os bens, a vida, os filhos, desde que, como disse antes, a necessidade de darem tudo isso esteja distante; mas, quando se aproxima, se revoltam (MAQUIAVEL, 2011, p. 132).

Dessa perspectiva, para ele, o homem é um ser essencialmente ambicioso, que sempre quer mais do que possui, porque nunca está satisfeito por completo e pensa sempre no seu próprio umbigo. Dizer-se contente por ser o que é, seria falta de coragem e um acovardamento.

Para Maquiavel, quando alguém age bem é uma exceção, algo o obrigou a fazer isso e assim o faz por submissão, é para tanto sua afirmação de que “os homens sempre serão falsos, a não ser que você os mantenha honestos à força” (MAQUIAVEL, 2011, p. 183). Não raro, podemos ressaltar pessoas dizerem que não desejam a própria glória, mas fama e riqueza

alcançadas, a contradição se revela nos púlpitos com o chavão: “eu lutei muito para chegar até aqui”. Dessa forma, é preciso repensar e refletir a política sobre o prisma da natureza humana e as concepções de homem anteriormente abordadas.

Percebe-se que, na maioria das literaturas políticas, as relações de poder estão intimamente ligadas com as relações humanas de maneira intrínseca, sem perceber o fato de que, nelas surgem desejos e necessidades, quer no âmbito social, político, pessoal ou afetivo. Os vínculos interpessoais, indireta e até mesmo diretamente, são o lugar onde os conflitos são gerados. No caso do príncipe e do povo, a relação que se institui, é justamente a de poder, e nela o conflito civil é experimentado. Cada indivíduo tem suas particularidades, seus hábitos, sua cultura, traz consigo uma carga social, um modo de pensar. A partir dessas diferenças, que se mostram nos vínculos, surgem as relações de poder, tendo em vista o ambiente social em que esse surgimento se dá e levando em conta, claro, o aspecto ético e moral.

2.1 O conflito

Digo que aqueles que condenam os tumultos entre os nobres e o povo condenam a causa primeira da liberdade romana, levando em conta mais os rumores e os gritos que nasciam desses tumultos do que os bons efeitos que eles produziam (MAQUIAVEL. Discursos, 2008, Livro I, Cap. VI)

Com base nessa afirmação, queremos buscar caminhos para compreender que, o princípio do conflito se dá pela busca de um desejo, aquilo que se quer. Todo ser humano tem interesses e anseios que vão além das necessidades básicas, e que o leva, por ventura, a encontrar meios facilitadores para chegar aos seus objetivos, mesmo que para alcançá-los a regra seja simples: o egoísmo. Como diria Maquiavel, “os homens querem glória e riqueza”, pois o poder conferido por elas é um adorno, é atrativo, em especial para o príncipe, porque faz com que o povo volte sua atenção e devoção a ele.

O conflito é inerente a qualquer sociedade e tende a ser positivo quando gera mudanças, e até consenso significativo, mesmo que venha através da paz ou da violência e seus efeitos se estabeleçam processualmente, ou seja, que passe por períodos de transição e atravesse faixas etárias e gerações. Assim, o conflito sempre teve resultados em toda História, proporcionando as sociedades algum tipo de progresso, quer bom, quer ruim.

Segundo Maquiavel, o príncipe necessita do monopólio de controle, poder e violência, para que os outros principados não usurpem essa força e torne o povo massa de manobra. Mas para controlar as massas, o bom governante não deve instaurar o terror, mas sim o respeito,

caso contrário, a preservação do seu governo fica ameaçada. Como, no entanto conquistar tal respeito do povo é algo que Maquiavel deixa muito claro:

Portanto, um príncipe, desde que mantenha seus súditos unidos e leais, não deve temer a má fama cruel, pois, com poucos exemplos, ele será mais piedoso do que aqueles, por excessiva piedade, deixam acontecer às desordens, que resultam em assassinatos ou roubos, pois estes costumam prejudicar todo povo, enquanto as execuções que emana do príncipe atingem apenas um indivíduo (MAQUIAVEL, 2011, p. 131).

Disso decorre que, o respeito, que não é dado de livre e espontânea vontade pelo povo, é conquistado através do medo de ser castigado, isso significa que o político deve saber usar a crueldade e quando ela for utilizada, deve ser instantânea, rápida e implacável, mas não pode ser a regra máxima do governo, pois causa a revolta dos súditos.

O príncipe deve fomentar divisões na sociedade civil, alimentar rixas, fazer intrigas no conjunto social, causar contendas para dividir, e enquanto brigam uns com os outros, ele permanece no poder. Além disso, deve atribuir a si mesmo as coisas boas, jogando para o adversário político as coisas ruins. Também não reconhece os méritos do inimigo, pois essa atitude não será recíproca, e ainda que não tenha préstimo sobre o feito, dá crédito a si e não admite culpa alguma.

Maquiavel desmistifica a visão ingênua da realidade que lhe cercava. Para ele, falar sobre política é referir-se a algo concreto, e por isso, as discussões sobre tal assunto precisavam ser objetivas, diretas, abordadas na práxis. Toda discussão política deveria ser fundamentada em seu contexto histórico, social e político.

O bom governo é aquele que consegue estabelecer uma civilidade entre os principados e não elimina o conflito, mas o administra bem, conquista o respeito e inspira temor: “eu digo que todo príncipe deve desejar ser tido como clemente e não como cruel, porém deve tomar cuidado para não usar mal a clemência” (MAQUIAVEL, 2011, p. 13). No entanto, fazendo o bem ou o mal, sempre haverá aqueles que ficam descontentes com os feitos e por isso existirão perigos que ameaçarão e um preço a pagar pela atividade do estado, que, por sua vez, tem como característica um constante funcionamento, pois mesmo que o príncipe esteja em seus aposentos, pode ser que haja soldados em batalha, assim o Estado é um órgão que não descansa.

3. A realidade política e o bom político

Um bom político deve entender que a política é construída não no mundo do deve ser, do ideal, onde tudo funciona harmonicamente de maneira ilusória. Em toda forma de governo, seja democracia, socialismo ou comunismo, acontecem inúmeros erros. Não é como o modelo de *Cidade Justa* de Platão, proposta de maneira utópica e abstrata, visto que, ele pensava o ser humano menos egoísta e alheio aos hábitos e inclinações maléficas.

Contudo, o mundo real não é assim, um político age dentro de circunstâncias, haja vista que, ninguém pode governar o abstrato, as pessoas governam o que já existe sobre condições anteriores e isso pode impedir melhorias por parte do governo. Ainda, sabendo que o homem não é bom por natureza, tentar ser bom é andar em direção ao seu próprio precipício, já que neste caminho não há pessoas boas que pensam como ele.

O importante para Maquiavel é a dosagem, a quantidade certa da bondade, maldade, desonestidade e mentira, quer seja bom ou não do ponto de vista ético. Para ele, o que fará uma conduta ser venenosa ou atóxica é a sua medida, conforme bem expressa:

O príncipe deve ser lento no acreditar e no agir, não deve demonstrar medo, mas proceder de forma equilibrada, com prudência e humanidade, para que um excesso de confiança não o torne incauto e a desconfiança exagerada não o faça intolerável (MAQUIAVEL, 2011, p. 131).

Essas palavras revelam o quanto o jogo político é sujo e grotesco, onde o príncipe se concentra em conquistar o poder, não só por chegar, mas manter-se lá, isso é o mais importante. E a fim de fazer com que sua autoridade cresça continuamente, ele agirá sempre a partir de uma estratégia, porque almeja mais e mais domínio, como se o ápice de suas glórias e méritos nunca chegassem.

Não obstante, uma sociedade onde as pessoas se dão conta da realidade política de modo efetivo, não existe. Assim, a recomendação de Maquiavel para o príncipe mentir, enganar e fazer o que for preciso, utilizando até mesmo as tragédias mais pavorosas, para ganhar prestígio do povo, é válida uma vez que os governados são facilmente enganados.

O bom político, sabendo que seu poder depende do povo, deve evitar tocar no que é equivalente ao bolso das pessoas, no sentido de não confiscar os bens e as posses delas, porque elas costumam esquecer mais fácil da morte de um ente querido, do que de um patrimônio roubado, saqueado pelo Estado.

O Poder, para o príncipe é definir a vida do povo de acordo com os próprios critérios, com base em suas prioridades e respeitando os seus valores éticos. Isso não é de surpreender, aliás, o ser humano procura camuflar, com suas habilidades, o desejo de mandar e impor ao

outro o poder, manipulando sua vontade e fantasiando ela de bem comum. E nisso consiste a atividade política, no modo como o discurso é produzido, para levar as pessoas a confiar que o que o governante quer não é o poder, mas sim o bem de todos. No fundo, quem está no poder é quem conseguiu convencer o povo de que não está ali para seu próprio bem, mas sim pelo bem-estar da comunidade, ou seja, pela coletividade. Podemos inferir esse pensamento com o próprio Maquiavel:

A um príncipe, portanto, não é necessário ter de fato todas as qualidades supracitadas, mas é indispensável parecer tê-las. Aliás, ousarei dizer que, se as tiver e utilizar sempre, serão danosas, enquanto, se parecer tê-las, serão úteis. Assim, deves parecer clemente, fiel, humano, íntegro, religioso – e sê-lo, mas com a condição de estares com o ânimo disposto a, quando necessário, não o seres, de modo que possas e saibas como tornar-te o contrário (MAQUIAVEL, 2002, p. 215).

O povo dá o poder em troca de algo, seja ética, moral, a incorrupção ou até mesmo a promessa de um governo sem tirania. De maneira que, o político diz que não quer poder, mas somente por possuí-lo, é possível fazer algo pelo bem comum, para ajudar o povo. Em outras palavras, o poder é a finalidade do político segundo a perspectiva dada n’*O Príncipe*.

Segundo Maquiavel, o político só faz algo pelo povo quando precisa dele para estar no poder. Sua atuação consiste em fazer aquilo que o mantém no seu posto. *O Príncipe* ensina o governante a governar bem, e acima de tudo, como permanecer no cargo. Nele, os meios que o ser humano usa, só podem ser avaliados pela finalidade deles. Se o objetivo era alcançar o poder, então havia permissão para qualquer coisa que fosse preciso, como mentir, roubar, ser desonesto, até mesmo promover uma ditadura.

Não existiam escrúpulos e nenhuma verdade moral, a não ser, fazer de tal maneira a não sair do seu lugar de autoridade. A visão do político com respeito à moral, aos valores e aos bons costumes é apenas aquela que lhe gerar algum lucro, mas de modo geral, ele deve ser por essência um ser amoral, não condizente com nenhuma moral empregada, ou afrontando as convenções, sendo, em outras palavras, imoral. O filósofo Lefort ressalta essas características, trazendo a atenção para a natureza humana:

Todo homem é dúbio, simulador e dissimulador, agindo à maneira da raposa, sua ação é movida ainda pela paixão; mas o príncipe eleva a um outro nível esta duplicidade, entende-se que ele sabe disfarçar a força na lei, e governar também pela força da lei, dar ao animal uma face humana e reprimir nessa forma o animal no homem (LEFORT, 1999, p. 411).

Assim, visto que, cada sociedade tem a sua moral, o homem público deve aderi-la politicamente, pois ela está sempre submetida à manutenção do poder, conforme expressa o pensamento de Maquiavel. Isto significa que, se o político percebe que as pessoas estão

preocupadas com a igualdade de direitos, é necessário abraçar essa causa; se quiserem proclamar a desigualdade, é preciso defendê-la; se sentem a necessidade de honestidade no âmbito político; se clamam por mais segurança; na religião, se a maioria compactua, ele concorda, converte-se a ela, mesmo sendo ateu; se há duas grandes denominações dentro do Estado, ele encontra um ponto em comum em ambas, e as defende, ou, mesmo que dentro da sociedade, haja uma pluralidade de religiões, ele levanta a bandeira da tolerância, ou seja, o sábio governante fará tudo para que sintam seu apoio em também “salvaguardar” os mesmos interesses de modo significativo. Tudo isso se trata, não do que o político necessariamente é, e sim, do que aparentemente deve transmitir, de modo que:

[...] Num extremo, a astúcia o enraíza na animalidade e, de fato ele é movido pela paixão mais viva, aquela do poder; mas no outro o extremo, ela transcende a paixão do poder, pois ele somente pode triunfar sobre as astúcias dos outros compreendendo-as, acolhendo as mentiras deles, e no momento mesmo em que ele exerce sua força, se unindo a eles, e os unindo entre si na dissimulação (LEFORT, 1999, p. 411).

Nesse sentido, fazer uma promessa ao povo hoje, e a desrespeitar amanhã, não cumprir sua palavra, é apenas constatar que o compromisso deixou de ser significativo, não vantajoso, e por isso, inconveniente, sem boa oportunidade dentro do seu campo político. O que vale diante de uma promessa, ou acordo, é o que se vai ganhar com isso, pois o empenho de palavras serve apenas circunstancialmente. Portanto, o príncipe sempre achará uma justificativa plausível para discordar de algo que outrora prometeu, como um equívoco que será compreendido e perdoado.

Os meios usados só poderiam ser julgados como bons ou não, mediante os resultados, os seus desdobramentos, se tiveram sucesso e atingiu a finalidade, independente dos valores considerados e desconsiderados. Um bom governante, por acréscimo, sabe aproveitar as oportunidades e utilizar artifícios para continuar no poder:

É preciso entender o seguinte: que um príncipe, especialmente um novo príncipe, não pode observar todas as coisas a que são obrigados os homens considerados bons, pois ele é frequentemente forçado, para manter seu governo, a agir contra a caridade, contra a fé, contra a humanidade, contra a religião. Para isso é necessário que possua ânimo disposto a voltar-se para onde os ventos e as variações da fortuna o impelir; e, como já afirmei, não se desviando de ser bom enquanto puder, mas sabendo valer-se do mal quando necessário (MAQUIAVEL, 2002, p. 216).

Dessas acepções, podemos ressaltar que, se o político estiver verdadeiramente preocupado com o seu futuro, vai se precaver de possíveis imprevistos, pois agindo dessa forma poderá contornar as situações que aparecem. Porém, existem coisas que ele não pode controlar, porque existe também o acaso. A fortuna não é a sorte própria da pessoa, mas sim a

possibilidade do momento, depende das condições históricas propícias, nisto consiste a *virtù*, na capacidade de perceber o dado momento de agir. Sua fortuna não o deixa protegido, mas, faz com que haja um sentimento de segurança, e essa zona de conforto é um mau presságio e coloca em risco o poder até então adquirido. Portanto, é sempre necessário melhorar as condições de resistência e não se distrair. O bom governante precisa ter os pés de uma corça, bem firmes no chão, e um olhar de águia, para ver além do que o cerca, isto é, "ser raposa e leão", como escreveu Maquiavel:

Tendo o príncipe necessidade de saber usar bem a natureza do animal, deve escolher a raposa e o leão, pois o leão não sabe se defender dos laços (das armadilhas) e a raposa não sabe se defender da força bruta dos lobos. Portanto, é preciso ser raposa, para conhecer as armadilhas, e leão, para aterrorizar os lobos (MAQUIAVEL, 2011, p. 140).

Assim sendo, salientamos que, a fim de executar seu plano de governo de forma sólida e estar preparado para enfrentar os inevitáveis conflitos que hão de surgir, no momento em que o poder for ameaçado, é necessário adaptar-se à fortuna, as circunstâncias e à sorte, ou seja, saber lidar e ser maleável com o destino.

A obra *O Príncipe* é um manual de como o líder deve se comportar para conquistar e manter o seu poder. Então, isto nos faz lembrar que a política para Maquiavel é simplesmente esse ponto central: a arte de disputar o poder. Já o político, é aquele que tem como finalidade a tomada e a manutenção do seu poderio.

Maquiavel analisa e separa as estratégias que deram certo e que deram errado nos planos de governos passados, visto que ao longo dos séculos, existiram príncipes que foram bem-sucedidos e outros não.

A primeira lição do bom político é de como o sentimento e a compaixão ligada ao amor, a alegria, ao respeito, ao próximo, a caridade costumam atrapalhar e são complicados para o político administrar, quer tais afetos partam dele ou do povo. Ele não pode se entregar a emoções, uma vez que, não há como fazer política sem ter que aprender a descartar, ou a usar tudo isso a seu favor. Não se trata de negar os seus sentimentos, mas por ele ter a responsabilidade de planejar cada passo de sua carreira, canaliza suas afeições para conseguir mais poder.

Podemos trazer essa mesma lógica para os nossos dias, supondo uma sociedade onde acontecem episódios de violência urbana grave. Existe um sentimento comum de ódio e desejo de vingança nas pessoas. Neste caso, o político, percebendo que a maioria das pessoas quer a represália, astutamente adere ao desejo da população, fingindo compartilhar do mesmo

querer, prestando solidariedade aos cidadãos que reclamam por segurança pública. Utiliza-se muitas vezes, de grandes tragédias para alavancar seu prestígio. Contudo, é preciso pensar na sua estratégia de como manifestar suas condolências publicamente, para que não seja percebido em sua impostura. Falando sobre o fato das pessoas desperceberem a verdade por trás das aparências, Maquiavel diz:

Os homens, em geral, julgam as coisas mais pelos olhos do que com as mãos, porque todos podem ver, mas poucos podem sentir. Todos veem aquilo que parece, mas poucos sentem o que é. E estes poucos não ousam opor-se à opinião da maioria, que tem, para defendê-la, a majestade do estado. Como não há tribunal onde reclamar das ações de todos os homens, e principalmente dos príncipes, o que conta por fim são os resultados. (MAQUIAVEL, 2002, p. 216).

Portanto, existe uma razão para que os políticos mintam mais do que falem a verdade, é simples: as pessoas não gostam da verdade nua e crua, pois ela talvez não seja doce ou boa de ouvir, de modo que, não se tem gosto por escutar o que não se quer. Portanto, quando o assunto é se retratar, ou proferir um discurso direto com o povo, a palavra do político não pode ser pautada na verdade.

4. Conclusão

À guisa de conclusão, considera-se que o mal, em Maquiavel, é uma realidade, e algo positivo para a permanência do governo. Do ponto de vista da sua análise política, o governante precisa saber administrar o mal dentro de si próprio, usando sua inclinação maléfica para o seu benefício e permanência a frente do Estado.

Incutidos do que nos ensina, com sua visão de que a natureza humana é má, Nicolau Maquiavel desconfia, suspeita do ser humano e de seu caráter aparente, tornando-o, dentro da história e âmbito político, um objeto de estudo para si, que tanto busca apresentar uma diferente compreensão do homem político, um novo olhar.

Os Filósofos, Jean-Jacques Rousseau e Antônio Gramsci insistiram numa interpretação pedagógica, da obra *O Príncipe*, direcionando as palavras do Príncipe ao povo. Segundo Rousseau, Maquiavel, “fingindo dar lições aos príncipes, deu grandes lições ao povo” (ROUSSEAU, 2000, p.46). De certo modo, esses autores concebem Maquiavel como um intelectual, que, ousadamente disfarçado, queria abrir os olhos do povo para a forma de governo. Porém, essa é apenas uma, das muitas outras controvérsias encontradas ao longo dos séculos na interpretação d’*O Príncipe*. Seria sábio afirmar que Maquiavel utilizou de sua boa retórica para induzir o povo a se rebelar? É difícil pensar essa ideia, pois, o livro foi escrito numa época em que, com base histórica, a maior parte da população era analfabeta e poucos

teriam acesso àqueles escritos. No entanto, as classes dominantes já sabiam como a política era praticada, e foi a partir de Maquiavel que, há seis séculos, a política se consolidou e passou a ser reproduzida dessa forma, ou seja, os políticos aprenderam como se faz, ao longo do tempo, diante das instruções maquiavelianas.

A partir desses levantamentos, cabe-nos compreender que, *O Príncipe* tem a responsabilidade de instruir os governantes com respeito à preservação do poder e a levar homens a servir à manutenção do Estado. O príncipe é alguém de *virtù*, que usa todos os recursos para “engodar” sua jurisdição, indo por onde sua natureza humana o inclinar. Ele enfrenta e vence os obstáculos, conquistando e mantendo cada vez mais poder. É humano, é aquele que usa sua predisposição natural, juntamente com a *virtú* de saber utilizar à fortuna, naquilo que ela oferece de bom ou ruim. É um projeto de ordem coletiva, e embora o Estado apresente seus problemas, o príncipe observa que as forças políticas que agem sobre ele, agem sobre o homem comum com uma intensidade diferente, isso também dentro do âmbito moral.

Dito isto, pode-se afirmar que, de maneira muito inteligente, Maquiavel escreve sob sua ótica política, fala objetivamente, não sobre o príncipe ideal, mas aquele que faz o necessário para conquistar o Estado e manter-se a frente dele. O príncipe faz tudo o que está ao seu alcance, seja ético ou antiético, lutando com as forças necessárias para alcançar aquilo que deseja, sai do plano das intenções e entra no das obras, usando a maldade apenas quando necessário, no momento adequado. Em Maquiavel é que o conflito não é eliminado, pois nasce de um antagonismo de desejos e necessidades gerados pela natureza humana, entre o governante e seus governados, e é de suma importância que o príncipe saiba como gerenciar e até gerar o conflito, caso seja necessário, visando o bem maior, a manutenção do Estado.

THE CONFLICT AS PRODUCT OF THE NATURE HUMAN BEING IN NICHOLAS MAQUIAVEL

ABSTRACT

Leaving of the writing of *The Prince*, the intention of this work is based on displaying the concept of conflict, data in the environment politician and making of the public personality, taking in account the nature human being and the reality of as the politics functions, according to thought of Nicholas Maquiavel. As the first political thinker of the Christian era, his realistic approach shows how good a government would be, given the facts of history he has observed and analyzed, as well as of those he experienced while in his public office. The behavior of the man in power is sometimes amoral, cruel, cunning, lying, malicious. The

politician will make what she will be necessary, either the good or the evil, to become each more powerful. This is the way of all human being to act, considering that, for Maquiavel, the inclination of the man is bad all the time, of its heart sprouts cóleras, violent envies, reasonings, hatred and lies. Of this nature human being, they appear to the generating necessities of conflicts, and the good politician, knows as to use these necessities to promote each time more. A questioning is raised regarding as a good politician and of what must act means to be good in this scope, if what satisfies the desire of the people, or what it will bring for itself glory and prestige, and that will conserve its rank of authority. It is only for basing one analyzes in the historical and social context, that if can argue the politics concretely. But, it does not have quarrel without in this she is enclosed the nature human being, whom, in the time where the writing of the Prince occurred, started to have great weight, therefore the man it observed and it was comment object. Thus, as resulted, it is evidenced that the motivation, wants of the prince, wants of the people, retraces to its desires and necessities, always happened of an egoistic nature.

keywords: Conflict. Nature human being. Maquiavel.

REFERÊNCIAS

AMES, José L. **Liberdade e conflito - O confronto dos desejos como fundamento da ideia de liberdade em Maquiavel**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2009000100009>. Acesso em 16 nov. 2017.

COSTA, Cristina. **Sociologia: Introdução à ciência da sociedade**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

KELLY, Paul *et al* (coord.). **O livro da Política**. 1. ed. São Paulo: Globo, 2013.

LEFORT, Claude. **Desafios da escrita política**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução e notas: Henrique Amat Regô Monteiro. 2. ed. São Paulo: Clio Editora, 2012. Prefácio. Pág. 13-14.

_. **O Príncipe**. Tradução: Dominique Makins. 1. ed. São Paulo: Hunter Books, 2011.

_. **O príncipe**. São Paulo: L&PM Editores: Porto Alegre, 2002.

_. **Discurso sobre a primeira década de Tito Lívio**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**. Coleção A Obra Prima de Cada Autor. São Paulo – SP: Editora Martin Claret, 2000.

WEFFORT, Francisco C. (org.). **Os clássicos da política**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2008.

WINTER, Lairton M. **A teoria dos humores de Maquiavel: A relação entre o conflito e a liberdade**. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55738>>. Acesso em 26 nov. 2017.